

Economia - Brasil CRISE DOS MERCADOS

Bancos alemães devem renovar crédito do País

Executivos fizeram apenas três perguntas a Malan, após explanação sobre o ajuste fiscal e o acordo com o FMI

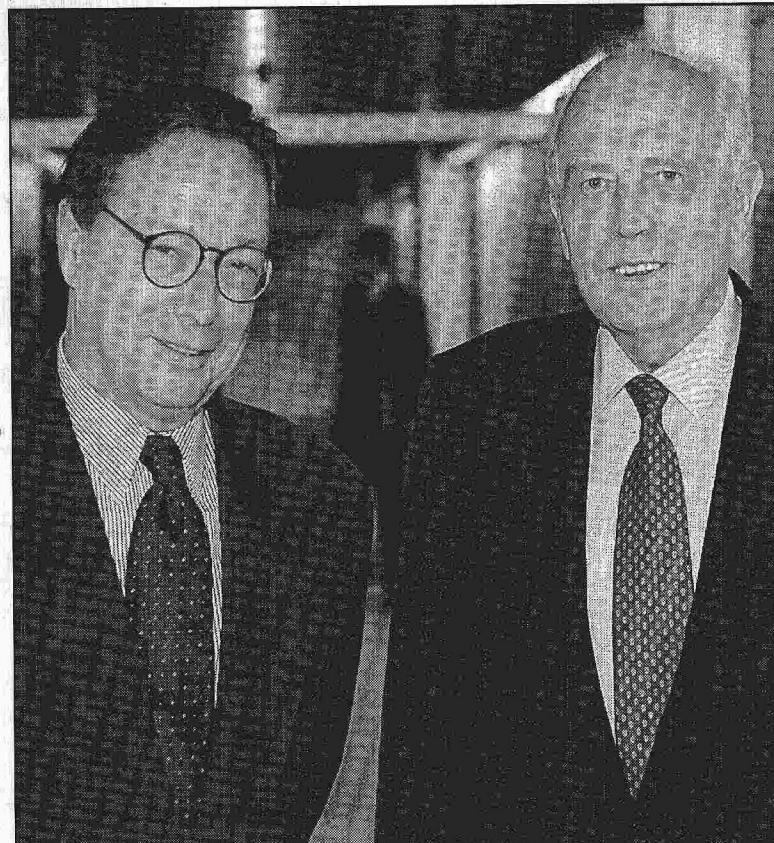
PAULO SOTERO
Enviado especial

FRANKFURT - Representantes de vários grandes bancos alemães indicaram ontem que suas instituições manterão as linhas de crédito interbancário e comercial para o Brasil, depois de ouvir uma apresentação detalhada sobre o programa econômico do governo, feita pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, na segunda escala do road show pelos grandes centros financeiros, que começou em Nova York, na segunda-feira. A plateia de cerca de 60 executivos, que ouviu Malan num salão do Hotel Frankfurt Hof, fez apenas três perguntas no fim da exposição — nenhuma delas sobre a controvérsia em torno do grampo telefônico das conversas entre o ministro das Comunicações e o presidente do BNDES, que, a julgar por relatos da imprensa, estaria dificultando a missão do ministro da Fazenda no exterior.

Não houve, tampouco, perguntas sobre taxa de câmbio ou a capacidade do governo de regular a dívida interna, dois temas recorrentes nas análises que economistas do mundo acadêmico fazem sobre os riscos que rondam a estratégia econômica brasileira. As perguntas dos banqueiros alemães foram sobre a taxa de juros internas, que Malan disse ter trajetória declinante e as obrigações da dívida externa (de cerca de US\$ 28 bilhões) que vencem em 1999.

Diante da importante assistência financeira que o Brasil negocia com o Fundo Monetário Internacional, as chances de que os bancos alemães continuem no Brasil são bastante elevadas", disse Rainer Schäfer, economista-chefe do Dresdner Bank para mercados emergentes. "A situação do mercado melhorou bastante no mês passado e nossa esperança é que continuem a melhorar." Malan, que começou o dia com um café da manhã com presidentes dos maiores bancos alemães, disse que ouviu deles o que buscava, ou seja, o compromisso de preservação das linhas de crédito e de sua gradual elevação, à medida em que o País avançar na execução do programa de estabilização fiscal.

O ministro almoçou com um grupo de dirigentes de empresas alemãs no Deutsche Bank. À tarde, ele teve encontros com o presidente do Banco Central



France Presse/AE

Malan e Tietmeyer: roteiro semelhante ao da Alemanha hoje em Paris

CORTES NOS
FINANCIAMENTOS
JÁ HAVIAM SIDO
FEITOS

Europeu, Win Duisenberg, e com o presidente do Bundesbank, o BC alemão, Hans Tietmeyer. Malan cumprirá um roteiro semelhante de encontros hoje, em Paris, onde os bancos receberam o acordo do governo brasileiro com os banqueiros franceses, o secretário internacional da Fazenda, Marcos Caramuru, e o diretor da Área Externa do BC, Demóstenes Madureira de Pinho Neto, estarão fazendo o mesmo com executivos de bancos japoneses, em Tóquio. Eles se reencontram na segunda-feira em Londres, onde será concluído o road show.

Antes de Malan falar ontem aos executivos alemães, Charles Dallara, o diretor-gerente do Institute of International Finance, baseado em Washington, que representa 300 grandes bancos comerciais, bancos de investimento, corretoras e seguradoras, comunicou-lhes a reação positiva que a apresentação do ministro criou entre os bancos americanos, no início da semana. Dallara também chamou atenção para a "qualidade da equipe econômica brasileira". Como fizera em Nova York, Malan chamou atenção para o mandato político que o presidente Fernando Henrique Cardoso recebeu no dia 4 de outubro para levar adiante o programa econômico que está sendo executado. Ele lembrou também que 70% das medidas do plano já estão em vigor e a maioria das que faltam será decidida por legislação ordinária, que exige maioria simples para passar e não os três quintos necessários para fazer mudanças constitucionais.

Ralf Kelpin, diretor do Bank-

gesellschaft Berlin Group, disse que ficou satisfeito com as explicações oferecidas pelo ministro da Fazenda. "A apresentação foi muito boa e serviu para mostrar que o programa foi preparado com grande cuidado, é abrangente e deve criar uma resposta positiva dos bancos", afirmou.

A disposição dos credores alemães de manter suas linhas de crédito ao País é explicada, em parte, pelo fato de eles já as terem cortado até onde podiam, disse Junger Wohler, vice-presidente-executivo do Südwest Landesbank. "Há centenas de empresas alemãs que operam no Brasil e a nossa participação se dá em resposta às demandas de assistência que elas nos fazem aos bancos alemães", informou Wohler.

"A BMW anunciou recentemente um investimento de US\$ 500 milhões", notou. "Essas empresas têm investimentos de longo prazo no País e estão convencidas das perspectivas favoráveis que a economia brasileira oferece."

O banqueiro acrescentou que, além dos cálculos de mercado, há também um dado político que opera em favor de um aumento da presença financeira alemã no Brasil e América Latina. "O governo alemão está muito interessado em apoiar o Brasil e a América Latina", disse. Segundo Wohler, isso ficará mais claro à medida que se aproximar a cúpula de chefes de governo do Mercosul e da União Europeia, em meados do ano que vem, no Rio de Janeiro.

As turbulências na Rússia, onde investidores alemães per-

deram muito dinheiro este ano, não afetarão as decisões dos bancos do país em relação ao Brasil, disseram vários executivos. Eles explicaram que 90% dos empréstimos bancários à Rússia estavam garantidos pelo governo alemão ou pela União Europeia. "A situação da Rússia pode influir em decisões de bancos de investimentos, mas não dos bancos comerciais."

"Depois da reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, ficamos bastante confiantes que o programa fiscal será executado pelo menos até um grau que seja tranquilizador para a comunidade financeira", disse Fred A. Peemoller, do grupo de avaliação de risco do Deutsche Bank. "Vamos acompanhar isso e ver especialmente como o programa será executado pelos Estados e na área da previdência." De acordo com Peemoller, "certamente as linhas de crédito serão mantidas, talvez não aos níveis dos dias mais otimistas." Em grande parte, a presença dos bancos alemães no financiamento de curto e médio prazo da economia brasileira decorre das necessidades de crédito das subsidiárias das empresas alemãs, cuja produção responde por cerca de 15% do PIB do País, lembrou Peemoller.

"Os bancos alemães não são de entrar e sair de um país como o Brasil e mantêm uma estabilidade em sua presença", reforçou seu colega Hans-Peter Ludescher, diretor para a América Latina do Deutsche Bank. Segundo Ludescher, o spread ou taxa de risco para créditos de seis meses já se estabilizaram em cerca de 2%.

O executivo revelou uma ponta de preocupação com a idéia, anunciada pelo governo brasileiro e pelo FMI, de monitorar conjuntamente as linhas bancárias de curto prazo para detectar eventuais quedas. "Mas, se os bancos se comportarem bem, não vai haver necessidade disso", reconheceu o próprio executivo. Malan reiterou ontem aos banqueiros alemães que, ao contrário de experiências passadas do País e de experiências mais recentes nas crises do México, Indonésia, Coréia e Rússia, o governo brasileiro não estabeleceu nenhuma meta numérica de participação dos credores privados externos e quer que os montantes e modalidade de empréstimos sejam decididos por eles próprios, "numa base voluntária, cooperativa e colaborativa". Numa entrevista à imprensa alemã, antes da palestra aos executivos, o ministro da Fazenda disse que o Banco Central fará o monitoramento das linhas de crédito de curto prazo.

ALEMANHA
TEM
INTERESSE NO
MERCOSUL